

A EXPRESSÃO DO PASSADO EM ALEMÃO: UMA QUESTÃO ASPECTUAL

Francisco Gleiberson dos S. Nogueira¹

RESUMO:

Este artigo tem por objetivo uma reflexão sobre a não existência do aspecto verbal no sistema da língua alemã para a expressão do passado mediante os tempos *Präteritum* e *Perfekt*, considerando-se que o português faz uso da aspectualidade ao utilizar o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito. Após uma breve introdução, apresenta-se, primeiramente, uma série de definições de aspecto verbal, para melhor situar a questão num estudo contrastivo entre os dois idiomas com relação ao aspecto verbal no passado. Em seguida, faz-se uma análise de como algumas gramáticas da língua alemã escritas em português abordam ou deixam de abordar a questão objeto deste artigo. Num terceiro passo, faz-se uso de excertos de textos paralelos de igual conteúdo nas duas línguas, a fim de se comparar como cada uma delas trata os tempos do passado em narrações e descrições.

Palavras-chave: aspecto verbal, alemão, português, tradução

ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ Λόγος καὶ
ὁ Λόγος ἦν πρὸς τὸν Θεὸν
καὶ Θεὸς ἦν ὁ Λόγος²

1. INTRODUÇÃO

A frase em epígrafe, escrita em grego antigo, traz como forma verbal finita ἦν, que é a terceira pessoa do singular do imperfeito do indicativo do verbo εἶμι (*ser* e *estar* em grego antigo). Com este verbo conjugado no imperfeito, a sentença ganha um caráter descritivo, que é igualmente mantido em sua tradução para o português (*era, estava, era*). A mesma frase escrita em alemão apresenta a seguinte forma: “Im Anfang war das Wort, und das Wort war bei Gott, und Gott war das Wort”. Note-se, nesta tradução consagrada, a presença do verbo *sein* (*ser* e *estar* em alemão) na terceira pessoa do *Präteritum* (*war*). Ao se compararem os três exemplos, chama a atenção o fato de o alemão e o grego disporem de apenas um verbo para exprimir o sentido de *ser* e *estar* do português.

¹ Graduando em Letras Português / Alemão – UFC; artigo escrito sob a orientação do professor Tito Lívio Cruz Romão.

² “No princípio era o verbo, e o verbo estava com Deus, e o verbo era Deus.”

Devido ao contexto muito restrito da frase apresentada, talvez passe despercebido a algumas pessoas o fato de haver, no português, o recurso ao aspecto verbal, inexistente, pelo menos na maneira como será abordado neste artigo, no alemão moderno. Este recurso não aparece no exemplo acima, pois não há nenhum termo de comparação que o explicita.

Ocorre que o sistema verbal alemão não faz distinção aspectual, ao contrário do que ocorre com o pretérito perfeito (doravante PP) e o pretérito imperfeito (PI) da língua portuguesa. Na nossa língua o PP normalmente se refere a ações completadas num momento pontual do passado. O PI, por sua vez, descreve um processo inacabado, de forma descritiva, ao longo de um momento no passado, servindo-lhe de pano de fundo.

Do alemão, tomamos dois tempos que servem para a descrição do passado, a saber: *Perfekt* e *Präteritum*. Estes nomes, por si só, já são possíveis falsos cognatos em relação ao português, pois podem ser entendidos de forma errônea. A ressalva é feita por Welker (1992), que nos diz: “Preferimos não traduzir *Präteritum* por ‘pretérito’ para deixar bem claro que se trata de um tempo específico que não corresponde a nenhum tempo do sistema verbal do português”.

Em um livro dedicado à pesquisa sobre a evolução da língua alemã ao longo dos tempos, publicado em língua alemã, Werner Besch, Anne Betten e Stefan Sondereggen (2004) destacam um fato importante sobre a questão aspectual. À medida que se foi desenvolvendo a partir do germânico, já no século VIII, a língua alemã, desde seus primórdios como “antigo alto alemão” (*Althochdeutsch*) até seu atual estágio de alemão-padrão (*Hochdeutsch*), foi perdendo as oposições aspectuais existentes em seus tempos verbais, embora a aspectualidade verbal ainda possa ser encontrada, por exemplo, através de perífrases verbais.

Atualmente, como bem enfatiza Christa Karin Siebert (2000) em um artigo sobre aspecto imperfectivo e língua alemã, a maioria das gramáticas dedicadas ao idioma de Goethe dá especial destaque à questão aspectual referente apenas à chamada *Aktionsart* ou modo da ação, ou seja, detêm-se em temas que giram em torno dos modos durativo, incoativo, egressivo e resultativo, dentre outros (v. WELKER, 1992).

Este artigo não tratará da problemática dos modos da ação, devendo restringir-se à oposição entre o uso de PE e PI no português, e o uso do *Perfekt* e do *Präteritum* alemães. Destaque-se que, embora o objetivo maior deste trabalho se refira a tempos do

passado, não se farão, aqui, referências ao tempo pretérito mais-que-perfeito do português nem ao seu equivalente alemão *Plusquamperfekt*.

Há cerca de três anos, na qualidade de aluno na Casa de Cultura Alemã da Universidade Federal do Ceará, ao ter as primeiras aulas sobre os tempos verbais alemães e a expressão do passado, pude ver como a falta de um paralelo com a língua portuguesa, em relação ao tocante ao aspecto verbal, pode ser um obstáculo para estudantes brasileiros. Este tema adquiriu maiores proporções à medida que fui ganhando maior intimidade com a língua alemã, notadamente após ingressar no curso de Letras da UFC, onde se faz necessário um olhar mais crítico sobre as diferentes questões acerca do idioma estrangeiro aprendido.

Partindo de estudos realizados por gramáticas de alemão como língua estrangeira escritas em português, esta pesquisa, inicialmente, mostrará um panorama teórico a respeito da expressão do tempo passado e analisará de que forma a categoria aspectual é abordada. Este artigo não tem por fito, contudo, esgotar o assunto, mas sim chamar a atenção para certas sutilezas que muitas vezes passam despercebidas à análise dos materiais didáticos normalmente disponíveis e empregados nos diferentes cursos de ensino de alemão. Neste trabalho também se recorrerá a um breve *corpus* de textos originais em alemão, acompanhados de suas respectivas traduções para o português brasileiro. Para este fim, serão abordados trechos retirados da Bíblia e do livro *A Metamorfose*, de Franz Kafka.

1. ASPECTO VERBAL: DEFINIÇÕES

Não constitui tarefa fácil tratar de um tema como aspecto verbal, sobretudo quando envolve o par de idiomas aqui mencionado, afinal de contas, o alemão e o português são oriundos de dois troncos distintos: o primeiro, do germânico, e o segundo, do latino. Saliente-se que, embora haja muitas pesquisas sobre a relação entre tempo e aspecto verbal em geral, muitas são as divergências existentes entre os estudiosos sobre definições e classificações desse tema, especialmente quando se refere à língua alemã.

Além disso, a realização de um estudo sobre aspecto verbal não se deveria restringir a uma investigação calcada apenas em frases pontuais desprovidas de contexto, o que poderia deturpar os resultados a serem obtidos. É de extrema

importância verificar a intencionalidade por trás das palavras e construções frasais utilizadas no cotidiano. Segundo Costa (1990), “o aspecto é uma categoria em estudo, sob reflexão, e sobre ela nada pode ainda ser considerado definitivo”. Portanto, tempo e aspecto são categorias temporais que têm por base referencial o tempo físico. Este, por seu turno, diferencia-se do ponto de vista semântico que parte, basicamente, da concepção do “chamado tempo interno (*aspecto*) diferente do tempo externo (*tempo*)” (id., ib.).

No tocante às diferenças aspectuais, a dificuldade de entendimento por parte dos alunos brasileiros de alemão consiste em uma das grandes barreiras enfrentadas na aprendizagem de uma língua estrangeira. Tal fato se torna mais complexo, por em geral não haver, nas escolas brasileiras, um estudo direcionado a esse tema nas aulas de língua portuguesa. Ao contrário disso, ali se faz, na maioria das vezes, uma mera incursão nas noções de tempo verbal. A gramática normativa tradicional concentra a expressão temporal no verbo, favorecendo a categoria de *tempo* em detrimento à de *aspecto*. Embora alguns gramáticos obviamente reconheçam a diferença que há entre tempo e aspecto, muitos professores geralmente acabam não fazendo jus às explicações fornecidas em gramáticas de boa qualidade. Para exemplificar, veja-se abaixo uma distinção entre tempo e aspecto verbal proposta por uma renomada gramática da língua portuguesa:

Aspecto é a categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo. Pode ele considerá-la concluída, isto é, observada no seu término, no seu resultado; ou pode considerá-la como não concluída, ou seja, observada na sua duração, sua repetição. É a clara distinção que se verifica em português entre as formas verbais classificadas como PERFEITAS OU MAIS-QUE-PERFEITAS, de um lado, e as IMPERFEITAS, de outro. (...) Costumam, alguns semânticos alargar o conceito de aspecto, nele incluindo valores pertinentes ao verbo ou ao contexto. (...) (CUNHA & CINTRA, 1985, p.370)

Ainda a respeito da relativa omissão e da falta de interesse pelo desenvolvimento de estudos sistemáticos sobre aspecto verbal e sua conseqüente pouca valorização, apurem-se as seguintes afirmações:

As gramáticas de nível médio raramente se referem a *aspecto*, e, se o fazem, é de passagem, na parte dedicada às locuções verbais ou perífrases verbais. (GARCIA, 1985, p.65)

Se a categoria de tempo encontra formas ou reflexões próprias em todas as línguas, o mesmo não acontece com a de aspecto, que parece exercer um papel subsidiário. (...) (id., ib., p.66)

O aspecto, dado seu caráter secundário na morfologia do português, será tratado apenas quando das considerações acerca do modo e do tempo. (SILVA & KOCH, 1983, p.51)

Para Lyons (1979), constitui-se um acidente histórico o fato de o aspecto não ser tão proeminente quanto a categoria tempo na gramática tradicional, uma vez que “a marcação gramatical de aspecto é provavelmente muito mais difundida nas línguas humanas do que a marcação de tempo”.

É sabido que determinadas línguas possuem mais categorias aspectuais e mais estudos neste campo do que outras. Por este motivo, diversos teóricos começaram, através de um estudo comparativo, a dar mais atenção ao aspecto verbal. Câmara (1986:60), por exemplo, afirma que “o aspecto coexiste ao lado da categoria de tempo constituindo com esta um sistema complexo de categorias verbais em que, conforme a língua, predomina o aspecto ou o tempo”.

A partir das leituras de pesquisas realizadas por diversos estudiosos e gramáticos, que serviram de base para este artigo, verificou-se uma grande dificuldade por parte dos próprios autores em definir o que especificamente no verbo ou na oração manifesta o aspecto. No que tange às inúmeras divergências sobre este assunto, Vendryes, citado por diversos autores, afirma:

Il n’y a guère en linguistique de question plus difficile [que celle de l’aspect] parce qu’il n’y en a pas de plus controversée et sur laquelle les opinions divergent davantage. On n’est d’accord ni sur la définition même de l’aspect, ni sur les rapports de l’aspect et du temps, ni sur la façon dont l’aspect s’exprime, ni sur la place qu’il convient de reconnaître à l’aspect dans le système verbal des différentes langues. (*apud*. BLADH, 2003, p. 59)³

Ainda na opinião de Vendryes, citado por Mounin (1965), as línguas não são inaptas para traduzir o aspecto verbal, visto que sempre encontram uma forma de fazê-lo. A diferença é apenas de natureza formal, porque conceptualmente não se pode indicar o aspecto como se indica o tempo e o modo verbal.

O aspecto é considerado por Castilho (1968) como uma propriedade não apenas do verbo, mas sim de sentenças. Ele nos diz ser o aspecto verbal uma categoria léxico-semântica, expressa por meio da interação de diversos “elementos”, que vão desde o sentido que a raiz do verbo contém (semantema) até elementos sintático-morfológicos, tais como: adjuntos adverbiais, certos tipos oracionais, o complemento do verbo, as perífrases, os sufixos e a flexão temporal. Eis sua definição de aspecto:

³ Na linguística não há outra questão mais difícil [que a do aspecto], porque nela não há nenhuma mais controversa e sobre a qual as opiniões diverjam tanto. Não há consenso nem sobre a própria definição de aspecto, nem sobre as relações existentes entre aspecto e tempo, nem sobre a forma em que se exprime o aspecto, nem sobre o espaço que se deve conferir ao aspecto dentro do sistema verbal das diferentes línguas. (tradução do autor deste artigo, apenas para fins didáticos)

O aspecto é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a idéia de duração e desenvolvimento. É a representação espacial do processo. (CASTILHO, 1968:41)

A noção aspectual, que possui como referente o tempo físico, atém-se às noções de duração, instantaneidade, começo, desenvolvimento e fim, ou seja, explicita o tempo decorrido dentro dos limites do fato tratado. Assim sendo, configura-se como uma noção verbal, exprimindo a representação que o falante faz do processo expresso pelo verbo.

De modo sucinto, pode-se dizer que, no verbo, o tempo indica o momento de realização da ação, ao passo que o aspecto enfoca (a ação no seu grau de acabamento.

Assim sendo, tanto essas definições sobre a categoria de aspecto quanto a conclusão de Lyons (*op. cit.*) de que, na tradição gramatical, a noção de aspecto está menos explicitada que a de tempo levam a crer na necessidade do desenvolvimento de novos estudos linguísticos. É mister que se realizem principalmente estudos comparativos e contrastivos sobre as noções temporais e aspectuais entre línguas muito díspares, buscando-se sempre fazer uso de teorias de caráter universal. Tal necessidade faz-se ainda mais presente quando se trata do estudo contrastivo entre o alemão e o português.

2. O ASPECTO VERBAL EM ALEMÃO

Segundo Corôa (1985), os estudos relativos à categoria aspecto são antigos, pois remontam aos gregos. Além disso, para muitos estudiosos, Aristóteles teria o mérito de ser o precursor da tradição ocidental dos estudos de aspecto.

Entre os aspectos linguísticos relevantes descobertos e descritos pelos estóicos, situa-se a distinção, no verbo grego, de duas noções linguísticas expressivas do tempo: a noção de tempo propriamente dita e a de aspecto. Do ponto de vista físico, ambas as noções, referencialmente, baseiam-se no tempo concreto. Por outro lado, diferem do ponto de vista semântico: o tempo propriamente dito localiza o fato enunciado em relação ao momento da enunciação. Trata-se, em geral, das noções de presente, passado e futuro e suas divisões. A esse respeito, Barros (1974), faz a seguinte afirmação:

Chamamos de tempo gramatical à ordenação temporal que no verbo se manifesta por meio de significantes particulares. Estes possuem valor rigorosamente didático-temporal: situam o processo em relação ao agora realmente vivido do emissor em cada ato particular do discurso.

Segundo Corôa (1985), as análises gramaticais, influenciadas pela tradição greco-latina e dos gramáticos alexandrinos, utilizavam os termos *perfectum* (perfeito) e *infectum* (imperfeito), traduzidos como *completo* e *incompleto*, respectivamente, para diferenciar semanticamente as formas verbais que, devido a um acidente histórico, tiveram seu significado distorcido, ocasionando uma falta de clareza que predomina até hoje entre os conceitos de passado, presente e futuro e as noções de perfeito e imperfeito. Essa distinção é também responsável pela confusão entre os conceitos de tempo e aspecto. Ainda segundo a autora, a gramática das diversas línguas ocidentais acabou abraçando essa terminologia, adotando-a diretamente da gramática do grego clássico.

De forma esclarecedora para a realidade do cotejo almejado neste artigo, ressalte-se um relato feito também por Corôa (*op. cit.*) da descrição proposta em 1970 pelo linguista russo Admoni sobre a categoria aspecto em alemão:

O alemão não conhece as categorias de aspecto e de modo de ser da ação; através de morfemas o alemão pode levar à mudança de significado e, portanto, não é um meio sistemático para a construção de verbos perfectivos. A oposição perfectivo / imperfectivo em alemão é mais uma classe semântico-gramatical do que uma categoria gramatical, como é em russo, onde se constitui em uma forma morfológicamente diferenciada que acompanha cada nível temporal, e é uma dualidade porque opõe todos os tempos verbais. (ADMONI apud id., ib., p. 63)

Vejam-se, ainda, por serem bastante elucidativas, as considerações feitas por Santos (2005) sobre a questão de aspecto e os tempos alemães *Perfekt* e *Präteritum*:

Por sua vez, o Perfekt alemão é a forma de passado mais usada na língua atual, mas que só se gramaticalizou completamente a partir do século XVI. Esse Perfekt remontaria ao tempo do império merovíngio (séculos V a VIII), quando eram estreitas as relações entre germanos e romanos, e, provavelmente, logo antes do surgimento dos primeiros documentos germano-ocidentais escritos. Assim, a forma perifrástica do passado da língua alemã teria surgido, segundo a maioria dos lingüistas, como um empréstimo da construção já desenvolvida pelo latim vulgar. Contudo, a forma do Perfekt alemão nunca teve e nem teria conteúdo de aspecto diferenciado do Präteritum. No século XV, a oposição aspectual do sistema verbal alemão – que até então se fizera mediante o prefixo *ga** > *ge* para as formas perfectivas – já havia desaparecido (Ebert, 1978). Assim, no alemão moderno, firmaram-se o Perfekt perifrástico e o Präteritum ou Imperfet, como formas verbais alternativas para o passado, distinguindo-se seu uso apenas no registro ou no estilo, sem diferenciação de aspecto. (SANTOS, 2005)

Também sobre a problemática aspectual na língua alemã, Comrie tece as seguintes considerações:

Da mesma forma que algumas línguas não gramaticalizam a referência ao tempo, de modo a produzirem tempos verbais (é o caso do chinês), também algumas línguas

não gramaticalizam distinções aspectuais semânticas, produzindo determinados aspectos. (COMRIE, 1976, p.7)

Isto não significa, como também faz notar o autor, que tais línguas não disponham de outros meios para exprimir essa “diferença de sentido”.

O *Perfekt* é um tempo composto utilizado para exprimir ações ocorridas no passado, independentemente da questão aspectual, quando se fala, ou seja, especialmente na linguagem oral. Seu uso na linguagem escrita existe, mas é mais restrito. O *Präteritum*, por sua vez, é usado, sobretudo, na linguagem escrita, também a despeito de questões aspectuais. Estas, porém, podem ser explicitadas, em ambos os casos, mediante conjunções subordinativas adverbiais temporais e/ou advérbios de tempo que deixem claro se, numa situação dada, se trata de uma ação ou um estado - na fala ou na escrita – que descreve um processo no passado ou que expressa uma ação ocorrida uma única vez.

Para a consecução deste artigo, procedeu-se a uma análise em algumas gramáticas da língua alemã escritas em português.

Em sua *Gramática Alemã*, Welker (1992) esclarece que, na linguagem oral, o *Präteritum* é geralmente substituído pelo *Perfekt*. De maneira geral, o autor apresenta as seguintes regras:

- a) quando se faz uma narração de maneira bastante formal, ou seja, na linguagem coloquial, informal, prefere-se o *Perfekt* mesmo em narrações;
- b) com certos verbos, isto é, na expressão de fatos passados, estes verbos são comumente empregados no *Präteritum*, não no *Perfekt*; trata-se dos verbos modais (*dürfen, können, mögen, müssen, sollen, wollen*), dos verbos *haben* e *sein* (quando não empregados como verbos auxiliares) e de alguns outros (p. ex. *geben* e *gehen* nas expressões *es gibt, es geht*);
- c) o verbo *wissen* é usado tanto no *Präteritum* quanto no *Perfekt*.

De forma não muito distinta da utilizada por Welker, também Fleischer & Rosenthal (1977) referem-se em seu livro *Estruturas Gramaticais do Alemão Moderno*, escrito para estudantes brasileiros de língua alemã, basicamente às formas e ao uso do *Präteritum* e do *Perfekt*.

Em sua *Gramática da Língua Alemã*, Pires (1997) igualmente não fornece nenhuma pista acerca de aspecto verbal, embora o seu público-alvo sejam alunos

portugueses de língua alemã, restringindo-se apenas a explicações sobre formas e uso dos dois tempos em questão.

Numa outra gramática alemã traduzida e publicada em língua portuguesa em Portugal, os tradutores chegam a fazer esta afirmação:

Contudo tentou-se, na medida do possível, tendo sempre em vista as dificuldades específicas do aluno português, corrigir fraquezas do original, colmatar lacunas ou suprimir aspectos desnecessários. Uma gramática deste tipo não pode nem tem necessariamente de tratar todos os fenômenos de uma língua, sobretudo quando devido à identidade de estruturas entre o alemão e o português não há motivo para surgirem erros de interferência. (LUSCHER & SCHÄPERS, 1986, p.3)

Ao abordarem a questão do uso e das formas do *Präteritum* e do *Perfekt*, os tradutores Richard Hinkel e Vera San Payo de Lemos, que cuidaram da adaptação da gramática supracitada, tiveram o cuidado especial de explicar que “não há entre estas duas formas, uma diferença básica de sentido, como entre as várias formas do pretérito em português” (p. 26). Para ilustrar, recorrem ao seguinte exemplo: “Er las = Er hat gelesen” correspondendo a “Ele leu. Ele lia. Ele tem lido”. Não obstante, não fazem nenhuma menção ao aspecto verbal da língua portuguesa.

O Instituto da Língua Alemã, com sede na cidade alemã de Mannheim, tem uma larga tradição na publicação de dicionários e diferentes materiais voltados para o ensino do idioma alemão. Sua gramática *Der Kleine Duden*, foi publicada em Portugal sob o título de *Gramática de Alemão* (2001) após um trabalho, não apenas de tradução, mas de adaptação. Como afirmam os próprios tradutores, “a versão portuguesa aqui apresentada não é uma mera tradução do original, antes tenta abrir uma perspectiva contrastiva, comparando – tanto quanto pareceu necessário (e possível) – as estruturas alemãs com estruturas equivalentes em português”.

Nessa gramática, no ponto referente aos tempos *Präteritum* e *Perfekt*, os tradutores Erwin Koller e Maria Odete Gonçalves Koller ressaltam o seguinte:

O pretérito narra um acontecimento como passado. É a forma típica da narração onde desempenha as funções tanto do imperfeito como do perfeito português; ocorre especialmente na escrita. (...) O perfeito emprega-se para representar, no momento em que se fala, um acontecimento já concluído ou um estado já alcançado. Tal como o presente e ao contrário do pretérito, o perfeito indica que o acontecimento (ou as suas consequências) diz respeito ao falante. (...) Normalmente o perfeito refere-se a um acontecimento passado, isto é, anterior à altura em que se fala, mas com relevância no momento em que é abordado. (HOLBERG & HOLBERG, 2001, p.128ss.)

Apesar de ser uma tradução adaptada para o português, os tradutores em questão pecam, ao traduzirem os termos *Präteritum* e *Perfekt* para o português como *pretérito* e

perfeito, ao optarem por dois termos que, na língua de Camões, já encerram uma carga semântica muito própria. Essa estratégia pode gerar confusão na mente dos aprendizes da língua.

3. Cotejo de trechos em português e alemão quanto ao tempo e ao aspecto verbal

Tomando como ponto de partida as considerações acima sobre aspecto e tempo verbal, buscou-se traçar um breve panorama da problemática existente. Tentar-se-á, a seguir, fazer uma análise de pequenos textos em alemão com sua tradução para a língua portuguesa. Essa análise deverá visar sobremaneira a objetivos didático-pedagógicos no campo do alemão como língua estrangeira, tendo em vista uma proposta de estudo contrastivo do aspecto verbal entre os dois idiomas. Para tanto, parte-se aqui do pressuposto de que a língua alemã, através apenas dos tempos *Perfekt* e *Präteritum*, não logra explicitar a questão aspectual como ocorre no português.

Para melhor fundamentar o abismo existente entre os dois idiomas quanto ao aspecto verbal, proceder-se-á, a seguir, à apresentação de breves textos de igual conteúdo em ambos os idiomas. No primeiro exemplo, por ser um texto bíblico, serão textos paralelos nos dois idiomas. No segundo, será um texto literário alemão com sua versão em português. Far-se-á, em seguida, uma análise contrastiva dos exemplos apresentados, com o intuito de comprovar a existência do problema lançado neste trabalho.

a) Exemplo retirado da *Bíblia Sagrada/Die Bibel*:

Im Anfang **schuf** Gott den Himmel und die Erde. Die Erde **war** wüst und leer, Finsternis **lag** über der Urflut, und der Geist Gottes **schwebte** über den Wassern. Da **sprach** Gott: „Es werd Licht!“ Und es **war** Licht. Gott **sah**, dass das Licht gut **war**. Da **trennte** Gott Licht von Finsternis. Gott **nannte** das Licht Tag, die Finsternis aber Nacht. Es **ward** Abend, und es **ward** Morgen: ein Tag. Dann **sprach** Gott: „Es **entstehe** ein festes Gewölbe inmitten der Wasser, und es bilde eine Scheidewand zwischen den Wassern!“ Gott **bildete** das feste Gewölbe und **schied** zwischen den Wassern oberhalb und unterhalb des Gewölbes, und es **geschah** so. Gott **nannte** das feste Gewölbe Himmel. Es **ward** Abend, und es **ward** Morgen: zweiter Tag.

No princípio **criou** Deus os céus e a terra. A terra, porém, **era** sem forma e vazia: **havia** trevas sobre a face do abismo, e o espírito de Deus **pairava** por sobre as águas. **Disse** Deus: “Haja luz”; e **houve** luz. E **viu** Deus que a luz **era** boa; e **fez** separação entre a luz e as trevas. **Chamou** Deus à luz Dia, e às trevas Noite. **Houve** tarde e manhã, o primeiro dia. E **disse** Deus: “Haja firmamento no meio das águas e separação entre águas e águas.” **Fez** pois Deus o firmamento, e separação entre as águas debaixo do firmamento e as águas sobre o

firmamento. E assim se **fez**. E **chamou** Deus ao firmamento Céus. **Houve** tarde e a manhã, o segundo dia.

Este trecho inicial do Gênesis é uma importante narrativa para uma grande parte dos povos ocidentais. Nele são narrados diferentes momentos do ato de criação do mundo por Deus, e também são descritas situações que emprestam ao panorama total do quadro narrado uma maior dinâmica (p.ex. *o espírito de Deus pairava por sobre as águas, a luz era boa*). O momento em que Deus criou o mundo foi único, isto é, Deus não criava, repetidamente, o mundo. O português, para montar o quadro em que a narrativa é permeada por instantes de descrição, recorre, naturalmente, à interação existente entre PP e PI. Se assim não for, o quadro ganhará novos contornos e, por conseguinte, quiçá novos significados.

A versão alemã recorre, em toda a sua extensão, apenas ao *Präteritum*, uma vez que este é o tempo verbal adotado pelo cânone da literatura de língua alemã para narrar e ou descrever na forma escrita. Este recurso não impede, é claro, que um falante de língua alemã enxergue, na cena, momentos puramente narrativos e outros especificamente descritivos. Não poderia haver, entretanto, no texto alemão acima, uma interação entre *Präteritum* e *Perfekt*, pois faltaria, para o emprego deste, a condição de oralidade ou de ação ocorrida no passado que repercute, por exemplo, sobre um personagem da narrativa.

b) Exemplo retirado de *A Metamorfose/ Die Verwandlung*, de Franz Kafka:

Als Gregor Samsa eines Morgens aus unruhigen Träumen **erwachte**, **fand** er sich in seinem Bett zu einem ungeheuren Ungeziefer verwandelt. Er **lag** auf seinem panzerartig harten Rücken und **sah**, wenn er den Kopf ein wenig **hob**, seinen gewölbten, braunen, Von bogenförmigen Versteifungen geteilten Bauch, auf dessen Höhe **sich** die Bettdecke, zum gänzlichen Niedergleiten bereit, kaum noch **erhalten konnte**. Seine vielen, im Vergleich zu seinem sonstigen Umfang kläglich dünnen Beine **flimmerten** ihm hilflos vor den Augen. „Was **ist** mit mir **geschehen?**“, **dachte** er. (p.5)

Certa manhã, depois de despertar de sonhos conturbados, Gregos Samsa **encontrou-se** em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso. **Estava** deitado de costas sobre a própria couraça, e **ao erguer** um pouco a cabeça **enxergou** seu ventre marrom, acentuadamente abaulado, com profundas saliências arqueadas, sobre o qual o cobertor, quase escorregando, **estava** prestes a cair. Suas muitas pernas, terrivelmente finas em comparação à largura do corpo, **agitavam-se** desamparadas diante de seus olhos. “O que **aconteceu** comigo?”, **perguntou-se**. (p.7)

A escolha do trecho acima não foi aleatória, mas realizada devido à presença, no trecho transcrito, tanto de discurso indireto quanto de discurso direto. A análise dos dois

trechos já nos mostra uma clara distinção entre o emprego das formas do passado em português e em alemão. Percebe-se que, enquanto o texto traduzido para o português alterna as formas de PP e PI, de acordo com a situação aspectual em função da cena contada, o mesmo não se dá no texto alemão, onde o *Präteritum* sobrepõe-se ao *Perfekt* por outros motivos que não os de ordem aspectual. Em português há uma diferença referente à narração e a descrição de fatos passados. No exemplo acima, o PP revela-se como a forma verbal característica das narrativas, ao se narrarem fatos já concluídos, enquanto o PI é a forma predominante na representação descritiva de tais eventos, descrevendo os detalhes que compõem o cenário. Tal fenômeno se explica mediante a presença dos valores aspectuais durativos ou iterativos do imperfeito, que emprestam dinâmica à atmosfera da narrativa. O aspecto apresenta, assim, um papel importante no texto narrado.

Na versão brasileira, o tradutor faz uso das nuances aspectuais existente em português, a fim de garantir a compreensão dessa cena da novela de Kafka no momento de se narrar uma ação pontual ou uma ação contínua no passado. Desse modo, quando o narrador onisciente nos conta estar Gregor Samsa em aporia por descobrir-se metamorfoseado num inseto monstruoso, utiliza-se em português o verbo conjugado no PP, pois o personagem principal deparou-se apenas uma única vez com tal situação – e foi naquele exato instante, ou seja, não teve cunho durativo. Já nas frases em que o caráter descritivo (narrações de eventos secundários ou paralelos às ações principais) for o mais acentuado, emprega-se o verbo no PI.

Ainda em *A Metamorfose*, faz-se notar a presença do *Perfekt* na indagação de Gregor Samsa: *Was ist mit mir geschehen?*. No trecho em português, optou-se pelo PP, naquele exato momento em que entra em cena a voz do protagonista para demonstrar seu ar atônito diante daquele evento único e já concluído. Atribui-se, assim, tal uso, primeiramente, ao fato de representar um registro oral do discurso do personagem e, em segundo lugar, por representar uma ação ocorrida no passado, mas que ainda repercute no presente, haja vista que o protagonista sente-se realmente perturbado com a transformação recém ocorrida.

No texto alemão, entretanto, os tempos verbais empregados não são elementos distintivos entre descrição e narração no plano formal da novela. A descrição, por exemplo, poderia ocorrer inclusive apenas no *Perfekt* (no discurso direto) ou no *Präteritum* (no caso do discurso indireto). Para que ocorresse de forma preponderante

no *Perfekt*, deveria haver uma maior massa de diálogos, monólogos e/ou fluxos de consciência que reproduzissem situações de discurso direto no texto. A ocorrência predominante do *Präteritum* pode ser explicada, portanto, em função de aí termos uma extensão maior de narrativa e descrição a cargo do narrador.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na parte inicial deste artigo, recorreu-se a algumas definições de aspecto verbal em contraste a tempo verbal, pois se levantou a problemática da não existência de nuance aspectual nos tempos verbais alemães *Präteritum* e *Perfekt* usados para a expressão do passado. Pôde-se verificar que não existe consenso entre os diversos autores citados sobre a noção de aspecto verbal em geral. Em alguns casos, reportam-se à existência do modo de ação (*Aktionsart*), que melhor representa a aspectualidade em alemão, embora sob outra ótica.

Para fundamentar e comprovar essa hipótese, recorreu-se a gramáticas alemãs escritas e ou traduzidas em português, assim como a excertos de textos paralelos, de igual conteúdo, em alemão e português.

De modo geral, as gramáticas modernas do alemão como língua estrangeira que foram pesquisadas não fazem uma referência detalhada a essa categoria na descrição das estruturas linguísticas dessa língua. Desta forma, professores e alunos de alemão não podem contar, para o esclarecimento do problema de não existência do aspecto verbal no sistema verbal alemão, com grande ajuda por parte de gramáticas alemãs escritas no vernáculo.

Pôde-se averiguar que em alemão, a maioria dos autores nega a existência de aspecto como marca distintiva. Nesta língua o estudo se concentra no valor semântico do verbo, chamado de *Aktionsart* ou modo de ser da ação. Corôa (2005) define o aspecto como “categoria gramatical e o modo de ser da ação como categoria léxico-semântica”. Fazendo a distinção entre as duas classes a autora nos diz o seguinte: “Muitas vezes aspecto e modo de ser da ação traduzem conteúdos muito semelhantes e só se diferenciam, então, pelos recursos usados: processo lexical para o modo de ser da ação e morfológico para o aspecto” (id., p.67).

Na versão brasileira dos excertos escolhidos para este trabalho, verificou-se que tanto o *Perfekt* quanto o *Präteritum* serão substituídos pela forma que melhor convier ao

conteúdo expresso pela sentença, alternando-se entre PP e PI, e não havendo uma correspondência do tipo 1:1. Emprega-se o PP para as narrações em primeiro plano, e o PI, para as passagens descritivas e os elementos de segundo plano. Definir o que deve ser considerado como primeiro ou segundo plano é uma tarefa difícil, e para tanto, o tradutor deve construir uma interpretação global do enredo que pretende traduzir, trazendo para a superfície da língua o que em alemão está mais a fundo, mas é perceptível. Tal perceptividade deve-se à lógica formal que todo texto deve trazer em si mesmo.

Para se ter uma idéia da dificuldade de situações desprovidas de um contexto em que cenas estejam interligadas no tecido textual, tome-se como exemplo o título da obra *Also sprach Zarathustra*, do filósofo alemão Friedrich Nietzsche. Ao buscarmos referências a este título em português, recorrendo, por exemplo, a uma ferramenta de busca como o Google, notamos que há, nas opções encontradas, tanto a formulação *Assim falou Zarathustra* quanto *Assim falava Zarathustra*. Não é necessário fazermos grandes reflexões acerca desses dois títulos em português, para afirmarmos que há duas maneiras diferentes de se entender o título. A primeira coloca o título como um resumo de um ato feito e concluído por Zarathustra. Na segunda, esse ato ainda ganha profundidade e duração dentro do quadro pintado no título. Para um falante de língua alemã, esta certamente será uma questão de interpretação, ficando a frase, na verdade, em aberto. Isso tanto gera ambiguidade quanto riqueza de interpretação. No português, há de se tomar um dos dois caminhos. Ao fazê-lo, o tradutor fatalmente tentará guiar seu leitor por sua decisão. Este, na realidade, se não souber alemão, de modo algum irá fazer conjecturas sobre questões de aspecto, já que a frase está solta (embora possa, é claro, ser vista como resumo de toda a obra).

Para finalizar, deve-se lembrar que este é um campo de pesquisa que se pode considerar muito fértil, abrindo-se, assim, diversas oportunidades para futuras investigações e outros trabalhos no campo da linguística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARROS, L.M.M. *Aspecto de tempo na flexão do verbo português*. Niterói: UFF, 1974 (dissertação de mestrado).

BATTAGLIA, M.H.V. *Estudos linguísticos contrastivos em alemão e português*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2008

BESCH, W. (et. al.). *Sprachgeschichte: Ein Handbuch zur Geschichte der deutschen Sprache und ihrer Erforschung (Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft)*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2004.

BÍBLIA SAGRADA. Distrito Federal: Sociedade bíblica do Brasil: 1969.

BLADH, E. L. *Bible traduite en français contemporain. Étude des équivalents du participe grec dans sept traductions du récit de la Passion dans les quatre Évangiles: forme, signification et sens*. Edsbruk: Akademitryk, 2003 (tese de doutorado).

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1986.

CASTILHO, A. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Universidade de São Paulo: 1968 (tese de doutorado).

COSTA, S.B.B. *O aspecto em Português*. São Paulo: Contexto, 1990.

COMRIE, B. Aspect and Voice: Some Reflections on Perfect and Passive. In: Philip Tedeschi and Annie Zaenen (orgs.), *Tense and Aspect*. New York City: Academic Press, 1981.

DIE BIBEL. ALTES UND NEUES TESTAMENT. Augsburg: Weltbild Verlag, 1990.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1998.

FLEISCHER, M.; ROSENTHAL, T. *Estruturas gramaticais do alemão moderno*. São Paulo: EPU, 1977.

GARCIA, O.M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006.

KAFKA, F. *Die Verwandlung*. Colônia: Anaconda Verlag, 2005.

KAFKA, F. *A Metamorfose*. Tradução de Calvin Carruthers. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2002.

LUSCHER, R.; SCHÄPERS, ROLAND. *Deutsch 2000*. Tradução e adaptação por Richard Winkel e Vera San Payo de Lemos. Munique: Max Hueber Verlag, 1986.

LYONS, J. *Introdução à Linguística Teórica*. Tradução de Rosa Virgínia Mattos e Hélio Pimentel. São Paulo: Cia. Editora Nacional / EDUSP, 1979.

MOUNIN, G. *Os problemas teóricos da tradução*. São Paulo: Editora Cultrix, 1965.

NIETZSCHE, F. Also sprach Zarathustra. Aisi parlait Zarathoustre. En bilingue. Paris: Aubier Flammarion, 1969.

PIRES, M.V. *Gramática da Língua Alemã*. Porto: Porto Editora, 1997.

SIBERT, C. K. O Aspecto imperfectivo e a língua alemã – um estudo. In: *Anais do IV Congresso Brasileiro de Professores de Alemão. Perspectivas do alemão no Brasil na passagem do século/Perspektiven des Deutschen in Brasilien zur Jahrhundertwende*. Curitiba: ABRAPA, 2000.

RUIZ, T.M.B. *Aspecto: um estudo de sua expressão pelas flexões verbais*. Curitiba: UFPR, 1992 (dissertação de mestrado).

SILVA, M C P. & I.G.V. KOCH. *Linguística aplicada ao português: morfologia*. São Paulo: Cortez Editora, 1983.

SANTOS, M.A. *O aspecto verbal: Questões de tradução*. UFC: Revista do GELNE (UFC), 2005.